



ENTREVISTA A VIVINA ALMEIDA CARREIRA DE CAMPOS FIGUEIREDO, DOCENTE E TRADUTORA

MANUELA PAIVA

Professora e Doutoranda ¹

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e Mestre em Estudos Anglo-Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é docente de Inglês e Inglês Técnico no Instituto Politécnico de Coimbra. A par da actividade docente, tem-se dedicado à tradução na dupla vertente prática e teórica. Às diversas traduções que tem realizado em várias áreas das Ciências Sociais e Humanas, junta agora um trabalho de investigação e reflexão sobre a actividade tradutória em si, no âmbito do Doutoramento em Tradução, que desenvolveu na Universidade de Vigo. Traduziu a obra de Susan Bassnett, *Translation Studies [Estudos de Tradução. Fundamentos de uma Disciplina]*. Lisboa: Gulbenkian, 2003], que lhe valeu uma Menção Honrosa do Prémio de Tradução Técnica e Científica (2004) atribuído pela União Latina e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

¹ Endereço para correspondência: <mariamgp@sapo.pt>.

A propósito desta Menção Honrosa, a *CONFLUÊNCIAS* foi ouvir Vivina Figueiredo.

(CONFLUÊNCIAS) Recebeu uma Menção Honrosa pela sua tradução de *Translation Studies*, de Susan Bassnett. Como surgiu a tradução desta obra?

(Vivina Figueiredo) Esta obra veio parar-me às mãos na época em que já estava embrenhada em leituras preparatórias para iniciar um Programa de Doutoramento em Tradução. Era uma época em que lia tudo o que encontrava sobre Tradução, mais na base da intuição do que com algum critério, o que resultou numa amálgama um pouco confusa, dado que me deparava com perspectivas e abordagens muito diferentes e mesmo contraditórias. Esta obra de Susan Bassnett veio estabelecer alguma ordem, clarificar ideias, instaurar sentidos. Pela sua estrutura e modo de abordagem dos problemas, pode dizer-se que *Translation Studies* simplifica as questões sem, no entanto, obliterar a complexidade natural que caracteriza todos os fenómenos ligados à Tradução. Esta obra funcionou para mim como uma espécie de síntese, mostrou horizontes e linhas de trabalho, tornou-me consciente, por um lado, do vultoso trabalho já desenvolvido, por outro, da imensidão de trabalho que há para fazer nesta área, sobretudo entre nós. Pensei, então, que ela poderia também ser útil a outros leitores. Ao mesmo tempo, verificava que não havia nenhuma obra traduzida sobre estas matérias e que ela seria oportuna. Foi feita uma proposta à Fundação Calouste Gulbenkian, que prontamente a aceitou.

Esta obra ... tornou-me consciente, por um lado, do vultoso trabalho já desenvolvido, por outro, da imensidão de trabalho que há para fazer nesta área, sobretudo entre nós.

Quanto tempo demorou a traduzi-la?

É um livro relativamente pequeno, mas ao mesmo tempo que o traduzia, também leccionava e fazia investigação para o doutoramento. A tradução demorou-me seis meses.

Que método(s) adoptou para a sua tradução?

Comecei por fazer duas leituras muito atentas da obra. Considero absolutamente necessário, imbuir-me do «espírito» da obra antes de iniciar o processo de tradução. Fernando Pessoa dizia que, tal como os poetas têm alma, também as línguas têm uma alma própria e a isso acresce ainda a alma da obra. Isto significa que é necessário adquirir um domínio da obra, da matéria linguística, mas também das referências culturais e da terminologia da área de estudos. Neste caso, não foi difícil, pois já trabalhava com o léxico deste campo, já conhecia outros escritos e as ideias da autora.

Nessas leituras, fui identificando os problemas que a tradução me suscitava e ensaiando modos de os resolver. Procurei também traduções da obra noutras línguas, tendo mesmo consultado, mas sem nenhum proveito, a única que encontrei – a tradução italiana.

Que problemas, ao nível da tradução, lhe levantou esta obra?

Vários, apesar de ser um livro pequeno e de ser um livro sobre uma temática conhecida. A primeira dificuldade consistiu em interpretar um quadro comparativo de Whorf. Para ultrapassar a dificuldade recorri a um linguista.

A segunda grande dificuldade prendeu-se com a questão da exemplificação no terceiro capítulo: manter os exemplos ingleses e os comentários da autora ou substituí-los por exemplos de traduções portuguesas? Por um lado, não existiam traduções portuguesas de todos os textos escolhidos, por outro, as traduções existentes não suscitavam os mesmos comentários. A solução (apresentada em nota de rodapé) foi manter os exemplos em Língua Inglesa, dando a tradução portuguesa dos segmentos de texto particularmente importantes para a compreensão dos problemas apresentados. Ao mesmo tempo, dava indicação das traduções portuguesas existentes e as respectivas referências bibliográficas.

A colocação de um subtítulo – *Fundamentos de uma Disciplina* –, inexistente no original, também requereu ponderação. Pretendi desvendar mais um pouco o conteúdo do livro logo a partir do subtítulo e esta opção acabou por me parecer legitimada pelo que a autora afirma na «Introdução» sobre o objectivo do livro: estabelecer os fundamentos da disciplina e não apresentar uma teoria pessoal.

Tive ainda que tomar opções relativamente à inclusão de paratextos que, à partida, são mais da incumbência do editor, mas das quais não quis abrir mão. Tratava-se de incluir ou não o prefácio que a autora escreveu para a 2.ª edição, revista, de 1991, e o prefácio à 3.ª edição, saída em 2003, quando a minha tradução da obra já estava em fase de revisão de provas. As funções documental, informativa e explicativa destes prefácios impuseram-nos como obrigatórios. A sua leitura em sequência dá logo uma ideia bastante clara da dimensão e do alcance que esta disciplina ganhou nas últimas décadas e constitui, portanto, uma espécie de introdução alargada e preparatória para a leitura do que vem a seguir.

Que obras, teorias e autores a influenciaram na sua prática da tradução?

Na verdade, comecei a traduzir sem ter conhecimento de nenhuma teoria da tradução. Foi algo que fui começando a fazer por gosto e por intuição, mas com preocupação de rigor. Foi a prática da tradução, os problemas concretos que fui encontrando, as questões de carácter ontológico e ético que se prendem com as tomadas de decisão que o tradutor tem de fazer, que me conduziram precisamente à reflexão mais séria e ao desenvolvimento da investigação que culminou com o doutoramento nesta área. Foi, portanto, o exercício prático que me conduziu às teorias.

Porém, apesar de saber, por experiência própria, que um tradutor pode ser um autodidacta, estou hoje absolutamente convencida de que uma formação teórico-prática é um contributo indispensável para dar qualidade às traduções, para fazer ressaltar a sua importância no sistema importador e até para valorizar o papel do

tradutor: não em decorrência de nenhum receituário normativo, mas devido a uma maior consciencialização da complexidade da tradução, através de uma aquisição de competências para aprender.

Mas, para responder à questão, posso dizer que subscrevo as teorias descritivistas que concebem a tradução como um fenómeno dotado de historicidade. Quanto ao trabalho do tradutor, suas liberdades e limites, penso que o tradutor tem uma autonomia relativa. O tradutor tem uma voz – que se materializará num «estilo de tradução» – mas o original é, por assim dizer, a sua «entidade reguladora», e a voz que o tradutor tem de deixar falar é a voz do autor original, sem, no entanto, deixar que se detecte o texto original nas entrelinhas do texto traduzido.

Quais são as suas áreas de tradução especializada?

Um tradutor pode ser
proficiente numa ou duas
áreas especializadas sem ser
especialista.

Até agora, tenho traduzido textos na área das Ciências Sociais e Humanas, mas tenho adquirido alguma especialização na área das Ciências Alimentares, em decorrência do meu trabalho de leccionação de Inglês Técnico a um curso de Engenharia Alimentar.

Quando escolhe ou aceita propostas de textos para traduzir, selecciona ou aceita apenas os que se encontram no domínio da sua especialidade?

Até agora tem sido assim, mas pretendo ampliar esse domínio.

Quando traduz, usa metodologias diferentes segundo o(s) público(s) a quem se destinam os textos traduzidos, nomeadamente os especialistas, os estudantes ou o público em geral?

Até à data, provavelmente pela similaridade das funções dos textos que tenho traduzido, a metodologia foi sempre a mesma; admito, contudo, que há situações em que é necessário recorrer a estratégias diferentes, mediante o público em vista ou a função da obra. Penso que é no caso das adaptações que esta questão se coloca com mais pertinência.

Qual a sua opinião sobre as traduções que se fazem em Portugal, na(s) sua(s) área(s) de especialização?

Na área das Ciências Sociais e Humanas, é possível encontrar de tudo: há traduções excelentes e há traduções que envergonham o ofício... Na área da Engenharia Alimentar, tanto quanto sei e me é transmitido pelos colegas professores, não há sequer traduções em Português. E essa lacuna dificulta muito os processos de ensino-aprendizagem.

Como surgiu a tradução no seu percurso profissional?

Ainda estudante de licenciatura, comecei a traduzir textos ou excertos de textos para amigos que faziam licenciaturas em Ciências Exactas e cujas bibliografias eram em Inglês. E o gosto foi crescendo, em todos os sentidos. Não vivo da tradução, mas hoje em dia é a área de conhecimento que mais me ocupa: no exercício prático e, sobretudo, na investigação.

Os prémios de tradução científica e técnica costumam ser atribuídos a especialistas de diferentes áreas que têm a tradução como segunda actividade. Concorde que só este tipo de especialistas são bons tradutores nas áreas especializadas?

Não só. Um tradutor pode ser proficiente numa ou duas áreas especializadas sem ser especialista. Basta que tenha uma formação de base nessa especialidade, tenha adquirido competências para aprender, i. e. para fazer pesquisa documental, por exemplo, ou realize o seu trabalho em parceria com um especialista. Considero estes requisitos essenciais.

Que formação devem ter os tradutores especializados? Pensa que os especialistas das diferentes áreas, para serem tradutores, devem ter alguma formação em Tradução?

Sem dúvida. Um bom engenheiro com conhecimentos de outra língua não é necessariamente um bom tradutor de Ciências de Engenharia. Ele precisará de ter um excelente domínio da língua para a qual traduz, um elevado nível de conhecimento de estratégias de redacção técnica, noções de terminologia e conhecer mesmo algumas ferramentas de tradução.

Quando lê uma tradução, o que é para si mais importante: a precisão terminológica, a correcção linguística ou outros aspectos?

Tudo isso é importante. Nem sequer consigo estabelecer níveis de importância. Pode parecer que numa tradução científico-técnica pesa mais a precisão terminológica, mas, na verdade, se ela não for linguisticamente bem veiculada, a sintaxe atropelada, ela não se poderá considerar uma tradução competente.

Considera que em Portugal há uma política para a tradução especializada?

Se houvesse uma política real de incentivo à tradução especializada, não se verificavam as lacunas atrás referidas. Se houvesse uma política real de incentivo à tradução, as universidades públicas ou os institutos politécnicos ofereceriam licenciaturas em Tradução. O trabalho do tradutor seria mais prestigiado e a língua portuguesa também.

Neste momento, já está a trabalhar em alguma outra obra?

Neste momento estou a traduzir um artigo na área do Turismo e estou a apresentar, junto de algumas editoras, a proposta de tradução de um dicionário de Química.

Quais são os seus projectos para o futuro, neste domínio?

Continuar a traduzir na área das Ciências Sociais e Humanas e, sobretudo, traduzir algumas obras importantes na área das Ciências Alimentares. Gostaria muito de vir a leccionar num curso de Tradução.

Que obras, na área dos Estudos de Tradução, considera que é urgente verter para Português?

Se houvesse uma política real de incentivo à tradução especializada, não se verificavam as lacunas atrás referidas. Se houvesse uma política real de incentivo à tradução, as universidades públicas ou os institutos politécnicos ofereceriam licenciaturas em Tradução. O trabalho do tradutor seria mais prestigiado e a língua portuguesa também.

Nesta área, seria ideal traduzir outras obras de síntese na linha da de Susan Bassnett ou obras de cariz mais prático como, por exemplo, o excelente manual de Jeremy Munday, *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. É urgente verter para Português os principais textos dos principais teorizadores da Tradução, especialmente de 1900 em diante – algo como a antologia de Lawrence Venuti, *The Translation Studies Reader*. Isto só para começar...

Considera que existe uma relação directa entre a quantidade e qualidade de obras de uma determinada área do conhecimento (os Estudos de Tradução, por exemplo) traduzidas para uma língua como o Português e o vigor dessa disciplina no país, ou nos países, que a falam?

Evidentemente. Basta olhar para a nossa realidade para confirmar essa relação. E o caso dos Estudos de Tradução é um exemplo flagrante. A Tradução e o seu conhecimento constituem uma área do saber que está a dar os primeiros passos.

Há alguma, ou algumas obras que gostaria especialmente de traduzir?

Aquelas que acima referi.

Um comentário final ao seu trabalho e ao Prémio que recebeu.

A modesta menção honrosa foi muito importante. Para mim, pelo incentivo. Mas, sobretudo, porque deu alguma visibilidade a este campo de estudos que não se pode dar ao luxo de a desperdiçar. Se os prémios funcionam como instâncias de validação, tendo este a chancela da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e da União Latina, isso só pode ser benéfico para os Estudos de Tradução, uma área na qual este foi o primeiro livro a ser traduzido em Português. Já antes havia sido considerada como um sinal positivo a aceitação da proposta da sua tradução pela Fundação Calouste

Gulbenkian, que a editou na sua Coleção de Manuais Universitários. Ainda outra nota positiva foi o facto de a FCT me ter atribuído uma bolsa de doutoramento para investigar nesta área. São sinais positivos, que convém referir porque talvez sejam indicadores de uma nova atitude perante os fenómenos relacionados com esta disciplina.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Eu é que agradeço e felicito a *CONFLUÊNCIAS – Revista de Tradução Científica e Técnica* pelo excelente trabalho já desenvolvido em benefício da Tradução. ■